

A PREPOSIÇÃO DE: DO LATIM AO PORTUGUÊS¹

THE PREPOSITION OF: LATIN TO THE PORTUGUESE

Deize Farenzena² e Laurindo Dalpian³

RESUMO

O presente estudo, de caráter bibliográfico, analisa a diacronia da preposição de, a partir de seu uso na Língua Latina até o atual estágio da Língua Portuguesa. É um estudo de ordem linguística, voltado ao campo da filologia. O Latim clássico e o Latim vulgar eram variantes de uma mesma língua. A primeira, a da escrita, restringia-se à escola, à aristocracia e aos literatos. A segunda, falada e de cunho popular, abrangia principalmente as classes menos privilegiadas e camponesas. Esta não era estruturada segundo a rigidez daquela; valia-se de meios mais analíticos, com o que a classe das preposições passou a ganhar uma ênfase cada vez maior. Algumas caíram em desuso ou simplesmente desapareceram, enquanto outras ocuparam os lugares vagos, expandiram-se e adquiriram outros sentidos. Assim ocorreu com o de, que acabou por se tornar uma partícula de reforço por excelência, inclusive de advérbios.

Palavras-chave: Linguística, preposição, diacronia.

ABSTRACT

This study uses a bibliography approach, seeks to analyze the diachronic of the preposition "of", from its use in the Latin language to the current stage of the Portuguese language. It is a study of language, focused at the field of philology. The Classical Latin and Vulgar Latin were variants of the same language. The first, the writing, was restricted to school, the aristocracy and literati. The second one, spoken with a popular characteristic, covered mainly the underprivileged classes and peasants. This was not structured according to the rigidity of that;

¹ Trabalho Final de Conclusão do Curso de Especialização - UNIFRA.

² Aluna do Curso de Especialização em Língua Portuguesa - UNIFRA.

³ Orientador - UNIFRA.

it used more analytical means, in which the class of prepositions got to win an increasing emphasis. Some have fallen into disuse or disappeared altogether, while others occupied the vacant posts, expanded and acquired other senses. This occurred to “de”, which turned out to be a reinforcement particle par excellence, even with adverbs.

Keywords: *Linguistics, preposition, diachrony.*

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa representa um estágio evolutivo da Língua Latina, resultado de processo histórico em que atuaram substratos, superstratos e adstratos, além da ação do uso, do tempo, dos climas, das mesclas e dos intercâmbios entre povos.

A Língua Latina clássica possuía uma estrutura bastante complexa, que só uma pequena parcela da população falante tinha acesso, ou seja, a aristocracia romana e os literatos. Com o tempo, deixou de ser falada e sobreviveu pela escrita. Sua morfologia nominal é muito rica, pois existem três gêneros gramaticais (masculino, feminino e neutro), cinco declinações (paradigmas em que se enquadram substantivos e adjetivos). As terminações, dentro de cada um desses paradigmas, respondem às funções sintáticas exercidas pelos seis casos. Os casos ablativo e acusativo necessitam, em algumas circunstâncias, de preposições para darem sentido completo ou diferenciado à oração.

Latim vulgar (*sermo vulgaris, rusticus, quotidianus*) é a denominação atribuída à língua falada, em oposição à literária, ou seja, o “latim falado por todas as classes, mas sobretudo pelo verdadeiro povo; do latim de conversação despreocupada, com fins meramente práticos, sociais, como instrumento de comércio, de pessoa a pessoa” (VASCONCELOS, s. d., p. 10).

Assim, o latim vulgar diverge do dialeto literário nos sons, nos vocábulos, nas locuções, na construção sintática, na colocação das palavras. Segundo Elia (1979, p. 26), “era o latim vulgar língua falada, não escrita. Língua da conversação diária, praticada por pessoas pertencentes a várias classes sociais, mas sem qualquer intenção que não fosse a de intercâmbio de indivíduo a indivíduo”. Era uma língua rude, representando “uma mistura de dialetos que se limitava a uns poucos conhecimentos práticos de família, agricultura pastoril e a algumas máximas e preceitos religiosos” (RAVIZZA, 1940, p. 380).

Com o início do processo de conquistas de territórios, por parte dos romanos, o latim vulgar deixou de ser “uma só linguagem”, passando a se tornar “uma soma de camadas linguísticas e dialetos, desde o latim até o aparecimento das línguas românicas”, segundo Schuchardt (apud SILVA NETO, 1977, p. 15).

Assim, a língua falada foi evoluindo enquanto a escrita permaneceu bastante estática, ocasionando uma grande distância entre ambas. A evolução provocou reestruturações sintáticas, adaptações morfológicas, desgastes ou transformações fonético-fonológicas.

O presente trabalho objetiva demonstrar, em especial, a expansão da preposição *de* no processo de reestruturação sintática do latim vulgar, permitindo uma compreensão maior das estruturas da Língua Portuguesa, em especial a dos usos e complementos introduzidos pela preposição *de*, pois essa preposição é uma das mais frequentes e de uso mais variado nas línguas românicas. Trata-se de uma partícula bem pequena, porém muito importante dentro da língua.

REESTRUTURAÇÕES NO LATIM VULGAR

As semelhanças existentes entre as desinências das declinações, no Latim clássico, não proporcionavam suficiente clareza para a maioria dos falantes. Isso fez com que as cinco declinações se reduzissem a apenas três no Latim vulgar, sendo que a quarta (*us*) se adaptou à segunda (*us*) e a quinta (*es*) à primeira (*a*). Nesse sentido, a analogia ou a semelhança das formas contribuiu decisivamente para o desaparecimento das duas declinações, cujos vocábulos migraram. Os neutros em *-us* da terceira, por sua vez, tornaram-se masculinos da segunda, também pela confusão criada pela semelhança existente entre as desinências. A terceira, ainda, assumiu alguns substantivos da quinta declinação. Neutros no plural e alguns substantivos femininos da terceira e quarta declinações tomaram, também por influência analógica, a desinência *-a* da 1ª declinação (COUTINHO, 1968).

Outra simplificação da língua popular foi a redução casual. Dos seis casos existentes no latim clássico restaram, num primeiro momento, apenas três: o nominativo, o dativo e o acusativo. Aqui também foi decisiva a analogia. O uso foi provocando mudanças fonéticas, algumas das quais acabaram interferindo na morfologia e na sintaxe, principalmente a perda do *m* final no acusativo e do *s* final do nominativo. Essas perdas igualaram os finais dos casos, fato que acabou por reduzir drasticamente o número deles. Para suprir essa perda casual foram

adotadas formas analíticas: “a flexão casual por uma preposição cujo sentido se adaptava ao da flexão perdida” (ELIA, 1979, p. 198). Na língua clássica, apenas o caso era suficiente para indicar a função e o sentido da expressão; na língua vulgar, a preposição assumiu esse papel, reforçando o sentido da expressão. Assim, tem-se, no lugar do genitivo, o ablativo com preposição *de*; em lugar do dativo, o acusativo regido de *ad*; em substituição do ablativo simples, o ablativo preposicionado. Na reestruturação sintática, a escolha por uma ou outra preposição “decorre de equivalentes sintáticos existentes no próprio latim clássico” (ELIA, 1979, p. 198).

O vocativo, no latim clássico, distingue-se do nominativo singular apenas nos nomes em *-us* da segunda declinação (*e*). Como o seu uso era excepcional, no latim vulgar deixou de haver exceção, acabando por confundir-se com o nominativo correspondente.

O genitivo sofreu concorrência com o dativo, que absorveu a função de adjunto adnominal restritivo. Mais tarde, o dativo sofreu a concorrência da preposição *de*, que pouco a pouco “assumia outras funções do mesmo caso até que, na fase final do período vulgar, acabou por exprimir o próprio possessivo em grande parte do território latino” (MAURER JR., 1959, p. 87).

Nesse processo, o ablativo foi sendo eliminado por ter grande semelhança com o acusativo singular, principalmente depois que este perdeu o *m* final, tornando-se iguais na primeira, terceira, quarta e quinta declinações, sendo que a segunda possuía uma diferença entre *o* e *u*, que cedo acabou por desaparecer. “Além disso, a diferença semântica entre o acusativo e o ablativo era quase sempre sutil e arbitrária quando estes vinham regidos de preposição”. Só havia diferença entre os dois casos, quando vinham acompanhados com as preposições *in* e *sub*, nos outros momentos não havia distinção, prevalecendo, assim, o acusativo (MAURER JR., 1959, p. 88).

Dessa forma, o povo falante acabou por consagrar o latim vulgar que, na sua dinamicidade, formou uma dezena de línguas românicas e centenas de dialetos, hoje distribuídos nas regiões que outrora formavam as províncias do Império Romano.

AS PREPOSIÇÕES NA LÍNGUA LATINA

As preposições eram antigos advérbios ou partículas independentes, originárias de formas nominais flexionadas. Podiam tanto preceder a palavra quanto vir depois dela. Sua função era dar maior ênfase à expressão que

acompanhavam e clareza à frase, contribuindo para que os casos traduzissem bem as circunstâncias do contexto. Conforme afirma Maurer Jr. (1959, p. 85), “o emprego das preposições se tornava uma necessidade quando a confusão das desinências, pela perda das consoantes finais e pelo enfraquecimento do timbre vocálico, trazia maior obscuridade à frase”.

No latim, elas ocorrem principalmente com o acusativo e com o ablativo, exprimindo relação de tempo, modo, causa, lugar, entre outros. Para Silveira (1951, p. 13), a preposição entra na formação de numerosas locuções adverbiais e encabeça adjuntos circunstanciais, rege complementos de substantivos e de adjetivos, bem como de verbos, sendo um precioso elemento não só para a clareza lógica da expressão, mas ainda para que nela se reflitam os cambiantes do pensamento.

Entre as diversas preposições utilizadas na língua latina, uma é especial para este trabalho, a preposição *de*, que é uma das mais frequentes, senão a “de mais variado uso nos idiomas românicos” (SILVEIRA, 1951, p. 14). É utilizada com o ablativo, denotando principalmente movimento originário de um ponto de partida, donde surgem diversos outros usos em circunstâncias variadas, que posteriormente serão detalhados.

É importante salientar que a preposição *de* não é apenas uma simples partícula do vulgar; ela provém do indo-europeu, sendo considerada uma forma casual fossilizada e permanecendo igual nas línguas românicas, principalmente no português, variando nesse percurso apenas nos novos empregos recebidos nas línguas românicas e, com as mudanças do latim vulgar, expandindo seu uso. Assim, a preposição *de* deixou de ter um pequeno uso para se expandir, ocupando lugar de outras preposições que acabaram desaparecendo.

Segundo Maurer Jr. (1959, p. 167), as preposições *ad*, *in*, *per*, mas sobretudo *de*, também se transformaram no latim vulgar como reforço para advérbios e mesmo para preposições, sem alterar o sentido da expressão, aparecendo, principalmente, em advérbios de tempo e de lugar. Inicialmente, a preposição *de* aparecia em expressões cuja noção era de ponto de partida ou inicial, depois acabou por ficar sem função semântica específica. A preposição *de* acabou, com o tempo, por tornar-se partícula de reforço dos advérbios e mesmo das preposições, pois a Língua Latina costumava formar locuções com valor adverbial, valendo-se de preposições acrescidas de advérbios e até com substantivos. É o que se pode observar em *de intro* (dentro), *de post* (depois), entre outras.

No latim clássico, a preposição *de* assumia sentidos restritos e também concorria com outras preposições, que podiam ser alternadas sem maiores mudanças de sentido. Dentro da oração, introduzia um complemento indireto.

Assim, segundo Ravizza (1940): *De* exprime o complemento de lugar donde, o que sugere o lugar de saída ou origem. Junto a ele, há a ideia de afastamento ou de separação. Para esses complementos, deve-se utilizar a preposição (podendo variar entre *a*, *ab*, *e*, *ex*, *de*) seguida de ablativo. Exemplo: *milites nostri veniebant de monte* (os nossos soldados vinham do monte); *expellere aliquem (de) Roma* (expulsar alguém de Roma). Atrelada à ideia de lugar donde e de afastamento, vem a de movimento de cima para baixo, como no exemplo: *Lucretius et Attius de muro se deiecerunt* (Cés., B. Ciu., 1,18, 3) (Lucrecio e Ácio se lançaram do alto da muralha).

Da ideia primitiva de lugar donde, que sugere a preposição *de*, surge também a de origem ou princípio donde alguma coisa procede. Esse emprego, muitas vezes, é figurado e é utilizado com verbos que indicam origem ou procedência. Quando o verbo estiver acompanhado de adjetivo, usa-se a preposição *e*; nos demais casos, o uso é facultativo. Ex.: *Quo de genere natus est?* (De que raça nasceu?).

À ideia de origem liga-se a de causa, indicando a ação que produz determinado efeito. É empregada junto com verbos e adjetivos que exprimem um sentimento, designando sua origem. Com o substantivo *causa* no ablativo, precedido de algum adjetivo (não possessivo), pode-se, ainda, usar a preposição *de*, quase sempre interposta: *hac de causa* (por este motivo), *justis de causis* (por motivos justos).

O complemento de matéria liga-se também ao de origem, pois indica a matéria de que uma coisa é feita. Exprime-se com *ex*, *e* ou *de* e o ablativo regido por um particípio (podendo haver exceções): *factus*, *confectus*, *contextus*. Ex.: *et uiridi in campo templum de marmore ponam* (e na planície verdejante levantarei um templo de mármore).

A preposição *de* também sugere o complemento de argumento, que se encontra depois de verbos com sentido de tratar, falar, escrever, disputar e semelhantes, e acompanha o ablativo. Ex.: *Caesar scripsit libros de bello gallico septem, tres de bello civili* (César escreveu sete livros sobre a guerra gaulesa, três sobre a civil). Nos títulos pode-se usar tanto o ablativo com *de* quanto o nominativo, por exemplo: *de leone et mure* ou *leo et mus* (o leão e o rato).

O complemento de culpa vem acompanhado com os verbos *postulo* e *accusare*. O nome do delito pode também vir em ablativo com *de*: *accusare/postulare aliquem repetundarum* ou *de repetundis* (acusar alguém de peculato).

A ideia primeira de movimento a partir de um determinado ponto sugere a de tempo, que alguma coisa percorre enquanto se desvia desse ponto. Assim, tem-se “depois de”, “durante”: *non bonus somnus de prandio* (Plaut., Most., 682) (não há bom sono depois da refeição); *de tertia uigilia* (durante a terceira vigília).

O complemento de pena sugere a ideia de condenar alguém por algum crime: *damnare aliquem de majestate* (condenar alguém por crime de lesa majestade).

Com as mudanças ocorridas no latim vulgar, devido, principalmente, ao processo analítico, algumas preposições acabaram por ser excluídas e substituídas por outras, cujo uso os falantes estavam ampliando, como foi o caso da preposição *de*. No princípio, ela apenas assumia papéis restritos como o de adjunto de procedência ou lugar “donde” e derivados, ampliando depois o seu uso.

Conforme Maurer Jr.,

A língua clássica usava três processos comuns para exprimir o complemento atributivo do nome: 1) um substantivo aposto, e.g. *urbs Roma* (cidade de Roma), *flumen Rhodanus* (o Rio Ródano); 2) um substantivo no caso genitivo, assim *oratio Ciceronis* (o discurso de Cícero), *poculum aquae* (um copo de água), *Caesaris amicus* (amigo de César); 3) um adjetivo (1959, p. 202).

Os três processos continuam existindo até hoje, com algumas modificações, para o segundo tipo: o genitivo cede lugar ao dativo e, posteriormente, à preposição *de*. Com o substantivo aposto, a preposição desmancha essa função. Assim, segundo Maurer Jr. (1959, p. 202), essa preposição assume novos papéis como:

1) Adjetivo atributivo: a preposição *de* é utilizada para ligar um adjetivo a um substantivo (pobre *do* menino!), ressaltando-se não uma condição de vida ou de pobreza, mas um sentimento de piedade.

2) Adjunto adnominal restritivo: era representado no latim clássico pelo genitivo que, no vulgar, acabou sendo substituído pelo dativo acompanhado da preposição *de*, referindo-se ainda à expressão de posse (o caderno *de* Pedro).

3) Complemento adnominal partitivo, de espécie e de objeto: os três complementos apresentam a preposição *de* (ou formas compostas por ela): alguns *de* nós, um quilo *de* ouro, conhecedor *da* verdade.

4) Complemento de qualidade: “podia em latim exprimir-se por substantivo acompanhado de adjetivo, ficando ambos no caso genitivo ou ablativo” (MAURER JR., p. 203), mas a língua vulgar recorreu à preposição *de*: um livro *de* mil páginas.

5) Complemento de destinação: “passa a introduzir-se pela preposição *de*; o que se dá normalmente com os adnominais” (MAURER JR., p. 204): xícara *de* chá.

6) Complemento de matéria: expresso por um adjetivo derivado ou com um substantivo regido de preposição: relógio *de* ouro.

7) Complemento comparativo de desigualdade: antes esse complemento era introduzido pela conjunção *quam* ou construído no ablativo. Com as mudanças, a segunda forma acabou recebendo a preposição *de*: *Turris est magis alta de arbore* ou *quam arbor* (A torre é mais alta *do* que a árvore). Esse comparativo sempre vem em forma de expressão: menos de, mais de. Essa forma com *de* concorre com a conjunção *que*: mais do necessário ou mais que o necessário, isso por que a preposição *de* rege o complemento pelos adjetivos comparativos e o pronome *o*, que se contrai com ela, é invariável (COUTINHO, 1968, p. 243).

8) Complemento do superlativo: no latim clássico, era expresso pelo genitivo partitivo, pelo ablativo acompanhado pelas preposições *ex*, *e*, *de* ou pelo acusativo precedido pela preposição *inter*. Ex.: *Cícero fuit de omnibus romanis eruditissimus* (Cícero foi o mais erudito *de* todos os romanos).

9) Complemento de procedência: indica o ponto de partida. No latim clássico, eram utilizados verbos e adjetivos verbais, indicando origem, e as preposições *ab*, *ex* e *de*. A preposição *de* assume a função das preposições *ex* e *ab*, tornando-se obrigatória: venho *de* São Paulo.

10) Complemento de tempo: no latim clássico, existiam várias preposições que exprimiam a ideia de tempo, como *in*, *per*, *ad*, *usque*, *ante*. No latim vulgar, permaneceram as preposições *in*, *ad* e *de*, esta última com sentido de a partir de, logo, depois de, cerca de. Ex.: *de media nocte* (à meia noite), *de tertia vigília* (a partir da terceira vigília) – em português: de manhã, de tarde, de noite.

11) Complemento de medida e de duração: quando for complemento de verbo ou adjetivo, o complemento de medida não recebe preposição: correu uma légua. Mas, para acompanhar adjetivos usa-se a preposição *de*. Ex.: A casa possui dez metros *de* comprimento. No latim clássico, a preposição *de* não era utilizada nesse complemento, apenas eram utilizados nomes, verbos ou alguns adjetivos. Assim, *planities tria milia passuum in longitudinem patet* (a planície estende-se por três milhas *de* largura). No português, porém, a preposição *de* foi necessária, visto que o ablativo desapareceu, restando apenas a preposição para diferenciar a circunstância.

12) Complemento de instrumento: esse complemento indica o instrumento com o qual se faz uma coisa ou ação. A preposição *de*, nesse caso, possui uma pequena participação, sendo pouco utilizada em textos latinos e portugueses. Ex.: Andei *de* carro, cerca *de* dez quilômetros. Na *Peregrinatio* encontra-se: *De fronte, sic de oculis tangentes crucem et titulum*. (XXXVII, 3) (MAURER JR., 1959, p. 208).

13) Complemento de modo: utiliza-se a preposição *de* com nome: *depressa*, *de* boa vontade, *de* certo. Ex.: O velho sábio falou sobre a morte *de* boa vontade. No latim clássico, o nome que indica modo vai para o ablativo,

acompanhado ou não da preposição *cum*. Às vezes, utiliza-se o acusativo com *per*. Assim, *cum cura scribere* (escrever com cuidado), *per vim* (com violência).

14) Complemento de causa: o ablativo de causa foi substituído pela preposição *de*: chorar *de* medo, cantar *de* alegria. No latim clássico, era utilizado o ablativo de causa ou ablativo com *prae*, o genitivo ou o acusativo com as preposições *ob* ou *propter*.

15) Complemento de especificação: a preposição *de* assume o lugar do ablativo: um mouro armênio *de* nação.

A preposição *de*, ao encontrar-se com alguns pronomes e artigos definidos, como *isto*, *este*, *o*, *a*, elide-se, formando assim *disto*, *deste*, *do*, *da*, ... Ex.: Depois *da* meia-noite, caiu em sono profundo (*de* + *a* = *da*).

Aparece também em expressões designando tempo, modo, quantidade, entre outros: *quando foi de* ou *quando de*, designando ocasião; *fazer de conta que*, designando modo; *dar conta de*, referindo-se a apresentar relação de; com a interjeição *ai*, como em ‘*ai daquele menino!*’; complementando um comparativo, *como em menos de*, *mais de*. Ex.: Quando *foi de* manhã, fugiu rumo ao bosque. / Fez *de* conta que chorava para ganhar o doce. / No final *do* mês, deve dar conta das despesas. / *Ai daquele menino*, não sabe com quem está lidando!

A preposição *de* rege o complemento de muitos verbos, substantivos e adjetivos; porém, com as formas reflexas dos verbos lembrar e esquecer, o complemento com a preposição *de* é essencial: ‘*lembrava-me do* teu presente’, ‘*esqueci-me de* te avisar’.

Ainda com os verbos de formas perifrásticas, o *de* faz a ligação entre um verbo de ligação e o principal, sendo que o auxiliar se encontra em uma das formas pessoais ou finitas, enquanto que o principal, no gerúndio, particípio ou infinitivo, ou também com preposições, exprime possibilidade ou decisão (*haver de* + infinito: hei *de* conquistar uma vaga – esta expressão analítica substitui o futuro do presente), necessidade ou obrigação (*dever/ter de* + infinito: tenho *de* trabalhar mais). Com verbos que exprimem o final da ação: acabar, deixar, parar + infinitivo - acabaram *de* sair, deixaram *de* dançar, parou *de* beber.

Inicialmente, o uso da preposição *de* era restrito para o complemento partitivo e o de matéria, ou seja, para expressões que possuíam sentido de procedência. O latim vulgar passou a utilizá-la como complemento adnominal e, depois, estendeu seu uso. Ela paulatinamente substituiu o caso ablativo entrando depois em concorrência com o genitivo até eliminá-lo por completo. O dativo ao seu lado continuava a existir ocupando o lugar de genitivo de posse e de pertença. Com o tempo, essa construção desapareceu nas línguas românicas, exceto no Oriente, onde o dativo vive até hoje.

É importante salientar que, além de ser utilizada como complemento circunstancial, a preposição *de* também alterou a sintaxe do verbo no infinito, formando, assim, uma nova construção. Percebe-se esse uso em todas as línguas românicas, principalmente no português e no espanhol. Outra inovação relevante é a elisão com artigos e pronomes, sendo que esse recurso proveio da analiticidade da língua oral, tornando, assim, mais fácil o uso dessa preposição.

CONCLUSÃO

Com as considerações feitas, a partir do latim clássico e do vulgar, em torno da preposição *de*, no decorrer desta pesquisa, pôde-se perceber que a analiticidade da língua oral foi um dos principais motivos para que ocorressem mudanças dentro das línguas românicas.

Esse fato foi percebido na descrição de algumas das principais mudanças morfosintáticas ocorridas com a classe gramatical do nome, em especial, a disposição dos termos na oração, que antes era livre e agora possui uma ordem direta (sujeito + verbo + objeto), fazendo com que desapareçam as desinências casuais que, no latim clássico, expressam as funções sintáticas de cada palavra ou expressão na frase, e sejam utilizadas as preposições para expressar tais funções.

Das preposições que já existiam no latim clássico, na reorganização sintática, algumas desapareceram, enquanto outras expandiram seu uso. No caso da preposição *de*, o uso foi ampliado, e tornou-se partícula de excelência no reforço de substantivos, verbos, advérbios, entre outros, transformando-se, assim, em uma das preposições mais utilizadas nas línguas românicas atuais.

Este estudo, com o intuito de explicar historicamente o surgimento da preposição *de* existente na Língua Portuguesa, também procura facilitar o entendimento de muitas construções sintáticas com o *de* e que são pouco usuais na língua falada ou apenas consideradas como regionalismos. Para quem possui conhecimento de outras línguas românicas, o entendimento de certos usos dessa preposição torna-se mais claro nas outras línguas, como também a existência de outras preposições que foram suprimidas pelo *de* no português, mas que tiveram significativa expansão em outros territórios.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

ELIA, Silvío. **Preparação à lingüística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

RAVIZZA, João. **Gramática latina**. Niterói: Escolas Profissionais, 1940.

SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

SILVEIRA, Sousa da. **Sintaxe da preposição *de***. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1951.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Martins Fontes, s. d.